



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE REFAÇÃO TEXTUAL: processos de escrita e reescrita

Laysa Souza Carmo
Universidade Estadual de Goiás/UEG

Fernanda Rocha Bomfim
Universidade Estadual de Goiás/ UEG

Renata Herwig de Moraes Souza
Universidade Federal de Goiás/ UFG e Universidade Estadual de Goiás/ UEG

RESUMO: A prática de escrita inclui o momento em que o aluno avalia o texto escrito, ação essa que demanda que o educando coloque-se na posição de leitor do texto, sendo capaz de perceber as (re) irregularidades presentes no texto produzido, reescrevendo-o para enriquecer sua produção textual. Mediante isso, a presente pesquisa tem o intuito de discutir como estão às práticas de escrita e reescrita desenvolvidas nas aulas de português na atualidade, pontuando a relevância da mediação docente perante a construção e aquisição de habilidades leitoras e escritoras. A pesquisa tem como enfoque a pesquisa bibliográfica, tendo como fundamentação teórica os estudos de Fávero e Koch (2012), Antunes (2010), Bortoni-Ricardo (2012), Marcuschi (2012), Bakhtin (1995), Geraldi (2006, 2013), Passareli (2012) que se baseiam no estudo do texto a partir de suas dimensões globais. Tal pesquisa visa discutir também se a prática docente tem contribuído para a aprendizagem de produção textual e de que forma a escola tem compreendido o texto enquanto atividade comunicativa e discursiva.

PALAVRAS- CHAVES: Mediação docente. Produção de texto. Escola.

ABSTRACT: The writing practice includes the moment when the student evaluates the written text, which demands that the student put himself in the position of reader in the text, being able to perceive the irregularities present in the produced text, rewriting to enrich their textual production. Therefore the present research aims to discuss how are the writing and rewriting practices developed in Portuguese classes today, punctuating the relevance of teacher mediation before the construction and acquisition of reading and writing skills. The research focuses on bibliographical research, having as a theoretical basis the studies of: Fávero and Koch (2012), Antunes (2010), Bortoni-Ricardo (2012), Marcuschi (2012), Bakhtin (1995), Geraldi), Passareli (2012), which are based on the study of the text from its global dimensions. This research also aims to discuss if the teaching practice has contributed to the learning of textual production and in what way the school has understood the text as a communicative and discursive activity.

KEYWORDS: Teacher mediation. Text production. School.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Perante os estudos já realizados em relação às práticas de ensino-aprendizagem de produção de texto, é relevante ressaltar que existem inúmeras discussões quanto ao verdadeiro trabalho com a língua na escola, pois, sabe-se que na prática os professores ainda se encontram muitas dificuldades em promover a aquisição de competências escritoras. Portanto, essa pesquisa tem o intuito de discutir como estão às práticas de escrita e reescrita desenvolvidas nas aulas de português na atualidade, pontuando a relevância da mediação docente perante a construção e aquisição de habilidades leitoras e escritoras.

Com esta pesquisa espera-se mostrar a importância da prática docente em sala de aula, mostrando que os alunos que são capazes de escreverem e reescreverem seus textos. Nesse estudo, defendemos o pensamento de Antunes (2010) quanto à visão de texto enquanto representam da comunicação humana. Portanto, instigar o aluno a escrever e reescrever é fundamental para o crescimento acadêmico, pessoal e social.

Ainda de acordo com os estudos realizados, a pesquisa visa mostrar que a refacção consegue produzir grandes efeitos para a aprendizagem. Por meio dos pressupostos de Bortoni-Ricardo (2012) se entende que a refacção se dá por meio da mediação do professor e é essa mediação que é estudada e avaliada, pois com a mediação do professor em sala de aula, o aluno consegue se sentir mais confiante não só o processo de escrita, mas o de reescrita, assim os alunos conseguem se autocorrigirem e se enxergarem como sujeitos da sua própria escrita.

As perguntas que norteiam esse estudo centram-se em entender: Como a prática docente tem contribuído para a aprendizagem de produção textual? De que forma os alunos têm aprendido a ler, produzir e reescrever textos na escola? Perante tais questionamentos, espera-se possibilitar uma discussão a cerca da relevância da prática docente perante o ensino de produção textual, servindo de apoio para futuras pesquisas nessa área de conhecimento, apontando e analisando as maiores dificuldades dos alunos, professores e da escola quanto ao ensino de produção textual, verificando de que forma tem se dado o desempenho dos educandos nas práticas de produção e refacção textual.

2. Concepções e visões sobre a prática de ensino de produção textual na escola



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

É comum dizer que o texto é uma unidade linguisticamente vista como entidade hierárquica, permeada de normas linguísticas, vista a partir dos mecanismos internos da língua. Infelizmente essa visão vem sendo praticada em alguns centros de ensino do país parte do reconhecimento do texto enquanto sistema linguístico que, vê o texto apenas como um conjunto isolado de frases soltas e descontextualizadas. Assim, o presente tópico apresenta conceitos que fogem dessa visão de texto enquanto estrutura, em que defendemos uma prática de ensino de produção de texto enquanto atividade comunicativa e discursiva, reforçando a ideia do trabalho com texto na escola a partir de situações funcionais e interacionais da língua.

Do ponto de vista do texto a partir de sua expressão linguística é definido por Zellig S. Harris (1952, p.1-30 *apud* MARCUSCHI, 2012, p.23) como um texto que “[...] compõe-se de uma sequência de expressões ou sentenças ligadas, podendo ir desde sentenças de uma só palavra até a uma obra em vários volumes”. Com essa definição, nota-se que ao perceber o texto apenas como unidade linguística isolada, impossibilita ao aluno o entendimento dele enquanto unidade semântica, permeada de forma e conteúdo.

Ao observamos o trabalho com a produção textual a partir dessa concepção, entendemos que o texto serve apenas como registro da escola, sem função e uso. Nesse tipo de redação o aluno tem pouca liberdade de criação, precisa atender os modelos e princípios que regem uma boa redação escolar, produzindo textos sem vida e funcionalidade.

Ao propagar esse modelo na escola, os alunos correm o risco de não compreender o texto em seus aspectos globais e sim o reconhecendo a partir de sentenças gramaticais e morfológicas.

Ao contrário dessa visão, já existem atividades de produção textual difundidas em escolas que tratam o texto a partir de sua visão comunicativa, vendo-o como um todo que integra o universo discursivo. Deixando claro aos alunos que é por meio dos textos que o processo comunicativo acontece, havendo a necessidade de o locutor colocar-se como interlocutor do próprio texto, estabelecendo relações dialógicas capazes de deixar clara a intenção discursiva pretendida.

Por meio dessa relação dialógica, o texto foge do modelo apresentado anteriormente enquanto conjunto de sentenças soltas e isoladas, passando a ser visto como uma entidade em uso seja em atividades orais e escritas, ocupando na escola o papel semântico e não gramatical. Perante isso, esse estudo não desconsidera a relevância dos estudos das estruturas gramaticais, desde que o texto não seja usado como pré-texto para o ensino de gramática, mostrando no texto os sentidos atribuídos às categorias gramaticais.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

[...] trata-se, pois de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência (FÁVERO & KOCH, 2012, p. 25).

Portanto, de todas as formas o texto é uma unidade onde se trabalha de forma simples, fazendo seleção lexical, sendo assim, o texto pode ser tanto falado ou escrito, o importante é transmitir a mensagem para o leitor e/ou ouvinte, seja de forma falada ou escrita.

Uma boa produção escrita requer planejamento de atividades de leitura que o prepare para produzir, uma forma de colocar isso em prática é a leitura de gêneros textuais, justamente por possibilitar aos educandos a percepção da língua em uso. É preciso que os educandos percebam em situações concretas os modos de produção e circulação dos textos, domínios esses definidos pelas práticas de uso.

Com o propósito de sintetizar os fundamentos para ensinar a produzir textos a partir da concepção de texto enquanto entidades sociais e comunicativas, assim, reitera-se a necessidade de desenvolver em sala de aula atividades de reescrita textual, as quais demandam discussões precisas no tópico a seguir.

2. O processo de refacção textual: desafios e possibilidades

Concebe-se que a prática de escrita é o momento em que o produtor do texto avalia sua produção, refletindo sobre os usos, escolhas lexicais e linguísticas usadas em sua composição textual. Trata-se de um momento extremamente relevante, pois o autor ocupa a posição de leitor do texto, analisando-o de forma crítica e reflexiva, cabendo a ele o papel de revisor.

Em meio a esse cenário, cabe a escola enquanto instituição responsável pelo ensino da escrita em desenvolver competências textuais nos educandos por meio do trabalho com diferentes gêneros, mostrando ao educando as múltiplas situações de escolhas e usos da língua. Ao contrário, a escola promove práticas educativas que se centram em produções textuais artificiais que, servem apenas para apontar os erros, em que o aluno não é levado a pensar sobre sua própria escrita.

Muitas vezes, segundo Passareli (2012) os alunos sentem-se impotentes quanto sua própria escrita, gerando assim o medo em escrever. Isso se dá devido à artificialidade como as



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

propostas de escrita e reescrita se dão no universo de sala de aula, em que a escola não propicia ao educando a percepção da língua enquanto sistema funcional e interacional que possibilita a ele o contato com o mundo, ou seja, é por meio da língua que o aluno tem contato com as diferentes instâncias de uso da língua, seja dentro e fora do espaço escolar.

Assim, todos sabem que na escola o papel de corrigir os textos, é responsabilidade do professor, corrigindo os erros de grafia, norma e estilo, colocando comentários para que os alunos consigam compreender os apontamentos destacados para correção. Porém, nem sempre com a releitura os alunos conseguem identificar os erros e quando a faz não conseguem identificar os vazios que os textos trazem.

Refletir sobre as estratégias do que dizer é a primeira reflexão quanto à escrita, pois é sabido que os exercícios que produção escrita na escola tem sido um martírio aos alunos e decepção aos professores em ver textos mal redigidos e após as correções não se atentam para as correções feitas pelo docente. Em meio a esses dois universos é preciso lembrar que as produções textuais produzidas na escola fogem totalmente dos usos da língua, na qual o professor é o único leitor do texto, sendo a língua trabalha e vista na escola apenas em sua unicidade e não pluralidade.

Na visão de Geraldi (2013) se quisermos um ensino de produção texto precisa-se reativar a posição da escola em relação ao professor e aluno, reconhecendo como sujeitos que compartilham conhecimento. Percebendo-os como sujeitos envolvidos nesse processo e não o professor como único detentor do conhecimento. Com bem pontua Ranciére (2015) que o professor é o mestre atua como mediador do processo de ensino-aprendizagem, ensinando o aluno a caminhar. Para tanto, Geraldi (2013) ressalta algumas condições para se ter o que dizer:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (o que implica) responsabilizar-se, no processo, por suas falas);
- e) se escolhem as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (p.160).

Com os apontamentos do referido linguista, ressaltamos sobre a necessidade de desenvolver em sala de aula práticas pedagógicas que mostrem aos alunos que eles têm muito que dizer. O professor ao abster-se de corrigir ou fazer apontamentos em relação à produção textual dos alunos retira a possibilidade de devolução a partir da palavra do outro, preconizando assim uma prática contrária ao pensamento bakhtiniano (1995) quanto as relações do *eu* com o *outro*, o poder da interlocução e interação.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

O professor ao assumir a prática interlocutiva enquanto princípio básico de sua práxis educativas ensina os processos de aprendizagem de produção e refacção textual. Levando o aluno a perceber que o texto se destina ao outro, sendo essas umas das razões para ter o que dizer, não apenas para atender uma satisfação da escola, mas fornece subsídios para o aluno escrever para diferentes grupos de linguagem, sendo o registro o caminho para dinamizar essa relação dialógica.

Trabalhar a transcrição com os alunos mostra para eles o que dizer e como, pois, eles tiram como base o texto original, facilitando assim uma produção textual. Adentrando ao assunto tema desta pesquisa, os Parâmetros Curriculares Nacionais relatam que:

[...] refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se releem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos (BRASIL, 1998, p. 77).

O aluno consegue então, assimilar que para produzir seu texto é preciso saber seu tema, ir relendo para que possa prosseguir produzindo e reformulando seu texto de acordo com os níveis de informatividade pretendido e ampliado por meio das leituras, estando ciente de que a partir do texto feito, ele consegue ampliá-lo. Por isso, a refacção textual é tão relevante, por mostrar ao discente que um texto pode ter diversas versões, sendo necessária que aprenda a exercitar as práticas de releitura e reescrita.

É relevante ressaltar que uma dificuldade encontrada é que os alunos estão apenas preocupados com os erros de ortografia, se está dentro das normas, ou seja, estão preocupados com os erros de adequação, não se preocupam mais em escrever uma história ou mostrar para seu professor o que sabe. Geraldí confirma esse pensamento pontuando sobre a necessidade de rever as situações de uso da língua.

[...]. É preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)? (2006, p.65).

Com esta citação fica evidente que na atualidade o aluno apenas produz para a sua nota, ou seja, um texto conforme suas normas. O processo de mediação do professor é extremamente importante neste momento, pois ele deve utilizar métodos para que seu aluno se anime e pratique a produção textual não apenas por notas, mas que produza um texto em que há histórias e informações, até mesmo situações de seu cotidiano, fazendo assim que o professor conheça seu aluno.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Portanto, a refacção do docente para com os discentes é altamente importante, pois com esta pesquisa busca-se entender os processos de ensino-aprendizagem de escrita e reescrita, reconhecendo a linguagem enquanto ação sobre o outro.

3. A intervenção pedagógica: mediação docente

Sem dúvida alguma o papel do professor além de ser educador e transmissor de conhecimentos é o mediador, ou seja, o professor deve se tornar uma ponte entre o conhecimento e o estudante, fazendo com o que o aluno pense e desenvolva sua criticidade, de forma que não seja apenas um depósito de conhecimentos do professor.

Para alcançar tais objetivos, a ação docente, se faz pertinente ter uma boa formação acadêmica para romper com o paradigma construído ao longo do tempo quanto ao professor enquanto transmissor de conhecimento, ao contrário disso, assumindo uma postura de formação voltada para construção de uma sociedade pensante e atuante. E para que isso seja possível o docente precisa assumir seu papel de interlocutor de conhecimentos e fazer com que seu aluno se torne protagonista da sociedade também.

Por meio de uma prática docente pautada na ação/reflexão os profissionais de português conseguem obter bons resultados, formando alunos pensadores e escritores, críticos e conscientes de sua própria escrita. Pautadas nessa visão, ressaltamos que hoje um dos grandes objetivos da escola é formar cidadãos críticos e reflexivos quanto sua própria escrita, sendo necessário que os alunos entendam o porquê escrever? Como escrever? Com esses enfoques, ressaltamos que são diversas as formas que o professor tem de trabalhar com os alunos, para ampliar a competência escritora dos mesmos, é necessário desenvolver no contexto de sala de aula um conjunto de atividades de leitura, escrita e refacção textual, em que o docente assuma o papel de mediador desse processo. Para Bortoni-Ricardo (2012) o professor é responsável pela ampliação do conhecimento do aluno, ou seja, para termos bons escritores, precisamos de bons leitores, ou seja, uma escrita fluente não ocorre sem a aquisição de conhecimento. Perante esse processo, entende que a mediação de práticas de leitura ocorre por meio da interação professor/aluno.

Mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando-o de leitor principalmente em leitor ativo. Isso pressupõe desenvolver sua capacidade de ler com segurança, de decodificar com



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

clareza e reconhecer com rapidez as palavras para uma leitura fluente. [...]. A mediação na leitura acontece na dinâmica da interação. O mediador apoia o leitor iniciante auxiliando-o a mobilizar conhecimentos anteriores para desenvolver as habilidades específicas para aquela tarefa (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 68).

Conforme os apontamentos supracitados na citação, para transformar o aluno em escritor ativo, precisa-se torná-lo também em leitor ativo. Isso exige do professor planejamento, em que o professor atua como guia para aquisição de tais competências. A proposta defendida pela referida estudiosa centra-se em ensinar o aluno a ler, pois sabe-se que os alunos hoje não conseguem produzir textos podem não possuir um nível de leitura e compreensão de textos, sendo que essa deficiência é percebida na produção textual dos mesmos, que apresentam dificuldades quanto ao entendimento da temática, aspectos linguísticos e discursivos do gênero.

Sabe-se que o professor ao assumir o papel de mediador amplia o conhecimento dos educandos, pois as propostas de refacção sem a intervenção docente tornam-se ineficaz. A partir do momento que ele assume esse papel o ato de mediar torna-se significativo. Então, mediar também é construir e reconstruir conhecimento. Ao assumir essa função, faz diferença significativa na formação do aluno crítico, uma vez que as escolas necessitam de profissionais com essa postura, acionando o conhecimento já adquirido em formação e buscando outros para ampliar práxis educativa.

Desta maneira, entende-se que torna mais fácil a compreensão e produção do texto quando o professor e aluno atuam juntos, na qual o docente assuma o papel de mediador, fazendo intervenções nas produções dos alunos. Pensar que alunos podem aprender melhor mediante a intervenção do professor é também entender o aluno com um ser pensante e atuante sobre sua própria escrita e compreensão textual.

As intervenções feitas pelo professor são significativas, uma vez que ajuda o aluno a entender e refletir sobre sua produção de texto. É a partir disto que o professor mediador entra com sua prática, como ressalta Bortoni-Ricardo (2012), o mediador apoiando o aluno e mobilizando os conhecimentos anteriores para desenvolver habilidades futuras.

Formar o aluno para ser um leitor e escritor proficiente, significa que este deve conseguir ler e compreender o próprio texto produzido, respeitando as especificidades do gênero, reconhecendo-o como portador de informação.

O trabalho com a leitura e escrita não pode ser realizado de forma mecânica, em que o aluno não seja visto como sujeito ativo, capaz de produzir textos com fluência e autonomia. Ao contrário, precisa-se precisar nessas práticas como um processo que contribui para a



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

ampliação da comunicação do aluno, ou seja, explorar as diferentes formas de aprendizagem é primordial no contexto de sala de aula, colocando o sujeito aprendiz, como capaz de comunicar em diferentes instâncias sociais é o caminho para transformação do ensino de português na atualidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de práticas de reescrita defendido ao longo dessa pesquisa entende a refacção textual como uma oportunidade de o autor rever suas escolhas lexicais, semânticas, sintáticas e morfológicas, revisão que, precisa girar em torno do processo de comunicação e segmentação textual.

É claro que os contextos escolares ainda estão longe de desenvolver práticas escolares que tratem o texto do aluno como uma oportunidade de reconstruir saberes construído durante o processo de escolarização. De modo que o educando perceba que sua língua tem funcionalidade e que cabe aos centros de ensino desconstruir práticas que valorizam apenas os aspectos estruturais do gênero e da língua.

É relevante deixar claro que ter o que dizer e para quem dizer é o caminho para reconstruir um ensino de escrita pautado na ação e reflexão, tendo o professor como mediador desse processo, fugindo do ensino de produção focada apenas na escrita enquanto prática escolar e para higienização textual.

Ao retomar os apontamentos elencados nesse texto, nota-se que o papel do professor como mediador implica reconhecer o texto como um veículo de comunicação e interação, permeado de interlocuções que despertam o desenvolvimento crítico do educando, no que se refere ao mundo e as práticas de escrita.

Como atenção voltada para entender de que forma os alunos tem aprendido a ler e a produzir textos na escola, reforçamos a ideia de que muitas vezes os profissionais de Língua Portuguesa adotam uma postura mecanicista da língua, por repetir modelos cristalizados no universo escolar. Os docentes seguem essa postura por estar atrelada a sua formação inicial que não gerou análise e reflexão sobre os modelos de ensino vivenciados durante sua formação, em que os saberes teóricos apreendidos não contribuíram para vivenciar a prática observada e analisada.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Assim, a escola adota um modelo que não relaciona teoria e prática, pois ação sem teoria não gera conhecimento, fugindo do que preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), ação-reflexão-ação.

Pode-se dizer então, que o reconhecimento da escrita enquanto prática social e funcional sem atuação docente é uma atividade vazia, por isso muitas vezes os professores deparam-se com produções incoerentes e inconsistentes. Isso se dá devido ao fato de que escrever apenas para atingir a demanda da escola não tem gerado aprendizagem.

Então, uma ação mediadora é essencial na escola, em que os alunos consigam descobrir sua vontade em ler, escrever e produzir, aumentando sua criticidade e tornando-o um leitor/escritor ativo e crítico tanto na escola quanto na sociedade.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé, 1973. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/secretaria de Educação Fundamental*, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo. 2012.

FAVERO, Leonor Lopes, KOCH. Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística Textual: introdução*. 10 ed. São Paulo. Cortez, 2012.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.

_____, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4.ed. – São Paulo: Ática, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro Passarelli. *Ensino e Correção na Produção de Textos Escolares*. São Paulo: Cortes, 2012.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

RANCIÈRE, Jacques (2015). *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.